

TRÊS EXOTISMOS QUINHENTISTAS
(O BETEL, A COCA E A COLA)

Antônio Geraldo da Cunha
Fundação Casa de Rui Barbosa

1. PRELIMINARES. Julgamos conveniente dar início a este estudo histórico-etimológico com a transcrição destas três passagens abonatórias:

1516 T. PIRES *Carta* [datada de Cochim, no sul da Ásia, a 27 de janeiro] in A. CORTESÃO *A Suma Oriental* (1978) 456: Folio Jndo he betelle o melhor de q^a he do Reyno de goa desde chaull ate canboja ho ha ã todas as ylhas ate alem de maluco ho ha em grande avomdança/verde he sustamçiall com avelana India ou areca e cõ a call/seco pa nada nom presta ã tem a virtude tã sutil ã seco nõ tẽ cheyro nẽ sabor em betele se sostem os homens destas partes tres quatro dias [*no manuscrito original* de] sem comer outra coisa.

a **1557 A. GALVÃO** *Trat. Descobr.* 264: Os ã viuem nas fraldas destas mõntanhas dos Andes, antre a frialdade & quentura, sam pela mayor parte tortos, & algũs cegos: de marauilha se acham dous homens juntos, ã hum delles nam seja torto. Tambem se dá por estes campos, ainda ã darea calidissimos, muito bõ maiz & batatas, & hũas heruas a ã chamam coca, ã trazẽ sempre a boca, como na India o betele, ã dizẽ ã mata a sede & fome.

1575 G. SIMÕES *Carta* [datada de Angola, a 20 de outubro] in MMA III (1953) 133: Esta cola hé uma fruta que usã brancos e pretos. Hé como castanhas muito grandes mais vermelha algũa cousa. Hé amargosa, e prova-la hé provar hũ pouco de pao; faz os dentes amarelos, e a agoa em que se lança dizem que hé boa para o figado, e que lançandoa em hũ figado ceidiço [*sc. corrupto*] de huã galinha o torna vermelho e fresco, que parece tirado daquela hora, mas o porque estes homens comumente a usã hé porque cõ os calores ordinarios bebem a meude, e agoa sobre ella tem muito bom gosto. Também dizem que sustentão muito e que andarã huã pessoa hũ dia todo sustentado com huã cola.

1.1 A leitura destas três passagens é bastante sugestiva, particularmente quando verificamos: 1º) que plantas de regiões tão distantes umas das outras (Ásia, América e África), e de famílias botânicas diferentes (piperáceas, eritroxiláceas e esterculiáceas) possam apresentar características tão semelhantes no que diz respeito às suas extra-

ordinárias propriedades alimentícias; 2º) que os portugueses, que foram os primeiros europeus a mencionarem o *bétele* e a *cola*, tivessem observado e descrito a maneira como os indígenas da Ásia e da África as utilizavam, mascando-as constantemente; coube, porém, aos espanhóis a primeira descrição da *coca* e a difusão do vocábulo nas demais línguas da Europa.

2. O BÉTEL: ORIGEM DO VOCÁBULO E SUA DIFUSÃO NAS LÍNGUAS DE CULTURA. O vocábulo *bétel* ou *bétele* designa uma planta da família das piperáceas (*Piper chavica betel*), originária da Índia, e, por extensão, a mistura das suas folhas com tabaco e areca, usada para mastigar, principalmente entre os povos do sul da Ásia. Pouco ou quase nada poderemos acrescentar ao magnífico verbete do *Glossário Luso-Asiático* (s.v. *bétele*, com as variantes *bétel*, *betle*, *bétere* e *betre*), de Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado. Este sábio orientalista abona-o com numerosíssimos textos portugueses, desde 1500 (a *Navegação de P. A. Cabral*) e, bem assim, com textos italianos, franceses, etc. Como informa Dalgado “As formas *bétele* e *bétere* são as mais antigas: *betle* e *betre* são as suas contracções, sendo *betle* modernamente [a saber, em 1919, data do 1º volume do *Glossário*] mais usado na Índia. Bento Pereira também regista *béter*. O vocábulo *catre* passou por idêntico processo.”

2.1 Cumpre assinalar que o texto de 1500, a saber, a *Navegação de P. A. Cabral*, é tradução da versão italiana de Ramúsio, o qual, por sua vez, traduziu-o de um original português, já perdido no século XVI, que teria sido escrito por um piloto português, testemunha ocular da viagem de Cabral. Conquanto não seja original esta leitura, pois já é versão do italiano, podemos crer na sua fidelidade, pelo menos parcial, uma vez que o vocábulo português, que é o étimo imediato do italiano, já fora introduzido neste idioma desde 1507-1508, como se verificará mais adiante.

2.2 Ainda de acordo com Dalgado, “O étimo de *bétele* é o malaiala *vettilla*, composto de *veru* “simples”, e *ila* “folha”, isto é, folha por antonomásia”.

2.3 Através do português, o vocábulo passou às demais línguas da Europa: italiano, francês, inglês, alemão, sueco, etc. O mais recente dicionário etimológico italiano, já integralmente publicado, o DELI, registra, s.v. *bétel*, as variantes *betella* (de 1508), *betole* (de 1510), *betre* (de 1525) e *betele* (de 1556). No longo e substancioso verbete *bétel* da *Contribution a l'étude des termes de voyage en français* (1505-1722), Paris, 1963 (págs. 91-100), Raymond Arveiller transcreve, entre muitas outras passagens que documentam o vocábulo em francês, o seguinte trecho de Du Redouer:

Tout le iour aussi bien les hommes comme les femmes mangent dune feuille qui sapelle Beteille laquelle faict la bouche vermeille et les dens noirs.

Arveiller esclarece que este texto francês (em que o vocábulo se documenta pela primeira vez neste idioma) data de 1515 e é tradução de um texto italiano, de 1507, o qual, por sua vez foi traduzido do português. O TLF, s.v. *bétel*, com base em Arveiller, reproduz a mesma informação.

2.3.1 Diretamente do português procedem também o inglês *betel*, bem documentado desde o século XVI (*betola* em 1553, *betels* em 1585, *bettele* em 1598, etc; cf. OED, s.v. *betel*), e o alemão *Betel* (*Betele* em 1595; cf. Kluge-Mitzka 71); do português, através do alemão, provavelmente, deriva o sueco *betel* (de 1705, *bettela* e *bettele* de 1712; c Hellquist 67).

3. A COCA: ORIGEM DO VOCÁBULO E SUA DIFUSÃO NAS LÍNGUAS DE CULTURA. A *coca* é uma planta da família das eritroxiláceas (*Erithroxylum coca*), de cujas folhas e da casca podem ser extraídos diversos alcalóides, dos quais o mais importante é a cocaína. Deve-se aos espanhóis a primeira descrição da *coca* e a difusão do vocábulo nas demais línguas da Europa. Segundo Corominas, s.v. *coca*, o termo data de 1550 e deriva do quíchua *kuka*, o qual, por sua vez, procede do aimará.

3.1 Do espanhol o vocábulo passou ao português *coca* (a 1557: cf. a passagem acima transcrita), ao francês *coca* (1568; cf TLF), ao italiano *còca* (1560; cf DELI), ao inglês *coca* (1616; cf. OED), ao alemão *coca* (1590; cf Kluge-Mitzka, s.v. *Kokain*), etc.

3.2 É interessante confrontar as três passagens acima transcritas - de Tomé Pires, António Galvão e Garcia Simões - com esta do *Tesouro do Rio Amazonas* (c1767), do Padre João Daniel, com que abonamos o termo *ipadu*, no DHPT:

[...]celebre chá Padú [forma variante de *ipadu*] que usão alguns Índios, especialmente os naturaes do Rio Negro, cujas folhas trazidas na bocca suppreem a falta do somno, e mastigadas matão a fome e sêde, alem de outros admiraveis effeitos em que vence o affamado Bétele da Azia, sem serem necessarios tantos ingredientes, nem tantas misturas.

O *ipadu*, tal como a *coca*, pertence à família das eritroxiláceas e, também como ela, apresenta propriedades tóxicas e entorpecentes. O vocábulo, que se documenta em português a partir de 1763, deve provir do tupi (cf. DHPT s.v. *ipadu*).

4. A COLA: ORIGEM DO VOCÁBULO E SUA DIFUSÃO NAS LÍNGUAS DE CULTURA. A *cola* é uma planta da família das esterculiáceas (*Cola acuminata*), cuja semente contém alcalóides tônicos e estimulantes. A mais antiga referência européia à *cola* deve atribuir-se ao padre português Garcia Simões, o qual, na sua carta, datada de Angola, a 20 de outubro de 1575, apresenta uma descrição bastante precisa das características da planta e da sua utilização pelos indígenas (cf. a passagem acima transcrita).

4.1 O português *cola* provém de um idioma indígena da região do Sudão, na África Ocidental. Devem provir do português o castelhano *cola*, muito tardiamente documentado, segundo Corominas, que o data do século XIX, o francês *cola* (de 1610; cf. TFL), o italiano *cola* (*colla* em 1600; cf. DELI), o inglês *cola* (de 1795; cf. OED), etc.

5. CONCLUSÃO. Com esta exposição, propositadamente concisa, procuramos ressaltar a extraordinária semelhança das propriedades das três plantas - o *bétel*, a

coca e a *cola* - e a maneira por que eram utilizadas pelos indígenas da Ásia, da América e da África; e, bem assim como chegaram ao conhecimento dos europeus em princípios do século XVI. Aliás, já Antônio Galvão, em pleno século XVI (a 1557), chamava a atenção para o fato de que a *coca* era utilizada pelos indígenas da América da mesma maneira que os indígenas da Ásia usavam o *bétele* (cf. a passagem acima transcrita). Convém ressaltar, também, que tal estudo revela a importância e, consequentemente, a necessidade imperiosa de se prepararem monografias sobre boa parte do vocabulário português. A lexicografia portuguesa, com efeito, resente-se, ainda, de numerosos estudos histórico-etimológicos que permitam, num prazo não demasiadamente longo, a elaboração do tão almejado Dicionário da Língua Portuguesa, baseado em princípios históricos.

OBRAS CITADAS

- ARVEILLER = *Contribution a l'étude des termes de voyage en français (1505-1722)* par Raymond Arveiller. Paris, 1963.
- COROMINAS = Corominas, Joan- Pascual, José A. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. 6 vols. Madrid, 1980-.
- DALGADO = *Glossário Luso-Asiático* por Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado. 2 vols. Coimbra, 1919-1921.
- DELI = Cortelazzo, Manlio - Zolli, Paolo. *Dizionario etimologico della lingua italiana*. 5 vols. Bologna, 1979-1988.
- DHTP = Antônio Geraldo da Cunha. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. Melhoramentos/Universidade de São Paulo. 3ª edição. São Paulo, 1989.
- GALVÃO, A = Antônio Galvão, *Tratado dos descobrimentos [a 1557]*. Terceira edição. Minuciosamente anotada e comentada pelo visconde da Lagoa, com a colaboração de Elaine Sanceau. Reprodução diplomática da raríssima edição *princeps* [1563]... Livraria Civilização-Editora. Porto, 1944.
- HELLQUIST = Elof Hellquist, *Svensk etymologisk ordbok* [3ª ed.] 2 vols, Lund, 1948.
- KLUGE-MITZKA = Friedrich Kluge. *Etymologisches Wörterbuch der Deutsche Sprache*. 21 Auflage bearbeitet von Walther Mitzka. Berlin, 1975.
- OED = *The Oxford english Dictionary*... edited by James A. H. Murray, Henry Bradley, W.A. Craigie, C. T. Onions. Oxford at the Clarendon Press, 1933 (12 vols. + 1 vol. de Suplemento]
- PIRES, T. = *A Suma Oriental [a1515]* de Tomé Pires e o Livro [c1514] de Francisco Rodrigues. Leitura e Notas de Armando Cortesão. Coimbra, 1978.

SIMÕES, G. = *Carta do padre Garcia Simões*, de 20-10-1575, in MMA [=Monumenta Missionaria Africana, coligida e anotada pelo padre Antônio Brásio], vol III, págs. 129-142. Lisboa, 1953.

TLF = *Trésor de la langue française. Dictionnaire de la langue du XIX^e et du XX^e siècle (1789-1960)*. 16 vols. Paris, 1971-1994.
